

**LUTE COMO UMA
MENINA: questões de
gênero nas ocupações das
escolas de São Paulo em
2016**

FIGHT LIKE A GIRL: gender issues
in the occupations of schools of
São Paulo in 2016

LUCHA COMO UNA NIÑA:
Cuestiones de género en las
ocupaciones de las escuelas de
São Paulo en 2016

**Ana Paula dos Santos¹
Cynthia Mara Miranda^{2, 3}**

RESUMO

O artigo pretende analisar a inserção das jovens mulheres no movimento secundarista e a visibilidade das questões de gênero alcançada pelas jovens estudantes que participaram do movimento das ocupações das escolas de São Paulo em 2016. Percorrendo os caminhos da narrativa documentária e interpretando as características específicas desse tipo de filme como

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins. Licenciada em Sociologia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: apdsantos80@gmail.com.

² Doutora e mestre em Ciências Sociais (UnB), graduada em Comunicação Social (UFT) professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade e do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Integra o Núcleo de Pesquisa e Extensão Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (Opaje-UFT). E-mail: cynthiamara@mail.uft.edu.br. Orcid 0000-0002-9399-7975

³ Endereço de contato das autoras (por correio): Universidade Federal do Tocantins. Programa de Pós Graduação em Comunicação e Sociedade. Avenida NS 15, 109. Plano Diretor Norte, Palmas – TO. Brasil. CEP: 77001-090.

representação do mundo histórico e de uma realidade social, analisamos o documentário *Lute como uma menina*, de Flávio Colombini e Beatriz Alonso,⁴ que acompanhou o dia a dia das ocupações e realizou entrevistas com 40 meninas que estiveram à frente do movimento. A análise do documentário como um produto midiático alternativo aos meios de comunicação de massa mostrou uma ruptura com a abordagem arbitrária que a mídia faz das mulheres ao retratá-las de forma padronizada; no documentário, as jovens são representadas como protagonistas da sua própria história.

PALAVRAS-CHAVE: Jovens mulheres. Gênero. Mídia. Documentário. Política.

ABSTRACT

The article intends to analyze the insertion of the young women in the secondary movement and the visibility of the gender issues reached by young students who participated in the movement of the occupations of schools of São Paulo in 2016. Going through the paths of documentary narrative and interpreting the specific characteristics of this type of film as a representation of the historical world and a social reality, we analyze the documentary *Fight light a girl* by Flávio Colombini and Beatriz Alonso, which accompanied the day-to-day reality of occupations and conducted interviews with 40 girls who were ahead of the movement. The analysis of documentary as an alternative media product to the mass media showed a rupture with the arbitrary approach that the media makes with the women when portray them in a standardized way; in the documentary, the young girls are represented as protagonists of their own history.

KEYWORDS: Young women. Gender. Media. Documentary. Politics.

⁴ "Lute como uma menina" é um documentário dirigido por Flávio Colombini e Beatriz Alonso, com a colaboração do cinegrafista Caio Castor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8OCUMGHm2oA>. Acesso em: 6 dez. 2016

RESUMEN

El artículo pretende analizar las inserciones de las mujeres jóvenes en el movimiento de la escuela secundaria y la visibilidad de las cuestiones de género alcanzada por las jóvenes estudiantes que participaron del movimiento de las ocupaciones de las escuelas de São Paulo en 2016. Caminar por los senderos de la narrativa documental y la interpretación de las características específicas de este tipo de películas como representación del mundo histórico y de una realidad social, analizamos el documental *Lucha como una niña*, de Colombini Flávio y Alonso Beatriz, que acompaña el día a día de las ocupaciones y llevo a cabo entrevistas con 40 niñas que estaban en la vanguardia de movimiento. La análisis del documental como un produto de media alternativo a los medios de comunicación mostró una ruptura con el enfoque arbitrario que los medios de comunicación hace de las mujeres cuando las retrata de manera estandarizada; en el documental, las jóvenes son representadas como protagonistas de su propia historia.

PALABRAS-CLAVE: Jóvenes mujeres. Género. Medios de comunicación. Documental. Política.

Recebido em: 24.02.2017. Aceito em: 12.08.2017. Publicado em: 01.10.2017.

O contexto das ocupações das escolas

Em setembro de 2015, o governo de São Paulo anuncia uma reestruturação da rede pública estadual de escolas, que previa o fechamento de várias delas e afetaria mais de 300 mil alunos. O projeto de reestruturação tornou-se público no dia 23 de setembro de 2015 por meio do jornal *Folha de S. Paulo*, que destacou a proposta do governo de São Paulo de divisão das escolas a partir dos ciclos da educação básica (Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio), ou seja, cada escola abrigaria apenas um dos ciclos.

Um dos argumentos utilizados foi a diminuição da demanda por matrículas nas unidades de ensino, aproximadamente dois milhões de vagas em uma década. O segundo era que estabelecimentos que atendem a estudantes de uma mesma faixa etária têm desempenho melhor, segundo estudo conduzido pela Coordenadoria de Informação, Monitoramento e Avaliação Educacional (Cima), órgão ligado à Secretaria Estadual de Educação, por isso ocorreria a redistribuição que os concentraria em colégios de ciclos únicos (JANUÁRIO; CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

Em novembro de 2015, a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo planejou um encontro com a comunidade escolar (incluindo pais e alunos) com o intuito de discutir esse processo, sendo chamado de "Dia E". De acordo com a chamada publicada no site da Secretaria, foi possível perceber que a participação dos pais resumia-se em receber a informação e atender ao chamado para mudança de escola, e não em participar de alguma decisão.

O objetivo do "Dia E" é ainda informar onde os estudantes estarão matriculados no próximo ano letivo e explicar os motivos que levaram a Educação a adotar a medida. Com as mudanças, definidas em acordo com as diretorias de ensino e comunidades escolares, serão

mais 754 escolas de ciclo único na rede (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2015, s/p).

Não houve diálogo efetivo com a comunidade escolar sobre mudanças que afetariam consideravelmente o cotidiano das escolas, de seus professores, alunos e conseqüentemente de suas famílias. Mesmo assim, o governo afirmou na mesma matéria citada acima que, “para chegar ao novo cenário, a Educação ouviu dirigentes e educadores que atuam em cada região e, assim, traçou o projeto final”. Esse envolvimento ou certa participação das diretorias de ensino mostrou-se mais técnico do que pedagógico, apresentando caráter de execução, e não de planejamento.

Em meio às declarações públicas do governo, as reações foram imediatas. O Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESP, 2015) posicionou-se contra a proposta do governo, principalmente pelo aumento do número de alunos por sala de aula e a possível diminuição de vagas de trabalho. Os dados e a metodologia da pesquisa realizada pela Secretaria de Educação, que fundamentaria a divisão em ciclos, foi questionada por instituições de ensino superior estaduais e federais (JANUÁRIO; CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

A reação dos estudantes foi imediata. Nas redes sociais, em comentários e postagens, alunos e alunas mostraram a sua indignação em relação ao modo como o processo estava sendo conduzido pelo Governo do Estado. Reivindicavam participação e discussões sobre a implementação desse projeto, e não apenas informações sobre o que aconteceria. As críticas iam desde a organização familiar em relação às escolas (no caso de mais de um filho estudar na mesma escola), passando pela ligação afetiva que tinham com aquele espaço

escolar, até o aumento do trajeto a ser percorrido e a mobilidade de pessoas com deficiência.

A Secretaria pontualmente tentou negociar algumas dessas demandas com os estudantes, mas sem recuar na implementação do projeto. Não houve aceitação dos alunos, que passaram a discutir uma concepção mais ampla do que é a escola, e assim o movimento foi se organizando e tomando corpo.

A questão central dos protestos não era porque as alunas e alunos não entendiam como seria a “reorganização” ou porque tinham um apego emocional à escola, mas sim porque se opunham a ela enquanto política pública. Os argumentos “pedagógicos” dados pela Secretaria de Educação não encontraram ressonância nenhuma entre os alunos que, a partir da sua própria experiência, tiravam conclusões bem diferentes. Diante da superlotação das salas e falta de infraestrutura nas escolas, a “reorganização” simplesmente não faz sentido algum enquanto política pública com fins de melhora da qualidade da educação; seria um contrassenso (JANUÁRIO; CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016, s/p).

Durante as semanas seguintes ao anúncio do projeto, os estudantes foram às ruas para protestar. Com o passar do tempo, o sindicato dos professores foi perdendo espaço e observou-se uma participação cada vez mais autônoma das alunas e alunos.

A intransigência do governo em dialogar com sindicatos e estudantes sobre a referida reorganização desencadeou o início de uma resistência que movimentou estudantes secundaristas em todo o estado de São Paulo e, nesse contexto de mobilização, foram surgindo diversas outras pautas que foram incorporadas por eles, como ações políticas inerentes ao movimento.

Após o início das ocupações, os cineastas Beatriz Alonso e Flávio Colombini observaram que a mídia vinha retratando o movimento de forma restrita, no sentido de criminalização dos atos protagonizados pelos

secundaristas. Mas também chamou atenção, nas imagens divulgadas dos atos públicos, protestos de rua e das ocupações propriamente, a presença de muitas meninas, predominantemente. Então, aproximadamente um mês após o início das ocupações, em dezembro de 2015, eles passaram a acompanhar a rotina estabelecida nas escolas, e iniciaram a filmagem do documentário para retratar o protagonismo feminino nas ocupações e mostrar a experiência de participação política através da voz delas.

Um olhar mais crítico sobre a atuação da mídia nos ajuda a analisar o documentário "Lute como uma menina" e até situá-lo num lugar de vanguarda. A abordagem da mídia sobre os jovens da década de 1990, por exemplo, esteve muito focada em ações de violência ou de desvio, utilizando-se de enquadramento negativo para apresentar a juventude da sua época à sociedade.

Um exemplo dessa visão é a forma como os meios de comunicação têm apresentado a juventude. Com exceção dos produtos midiáticos voltados para esse público, quando os(as) jovens, principalmente se pobres, são assunto dos cadernos ou programas voltados para os(as) adultos(as), no noticiário, em matérias analíticas e editoriais, é recorrente que estejam relacionados(as) a problemas sociais, como violência, crime, exploração sexual, drogadição ou às medidas para enfrentar tais problemas (ZANETTI, 2009, p. 33).

Na contramão do enquadramento negativo das juventudes e em especial da atuação política de mulheres jovens no cenário político brasileiro, o documentário possibilita uma outra versão desse tema. A partir dos depoimentos das meninas que participaram ativamente da organização e autogestão das escolas ocupadas, enfatiza-se a narrativa do movimento, a participação política, as formas de organização, as percepções das diferenças de gênero a partir da visão e da vivência das mulheres.

Por apresentar todas essas características e por oferecer uma abordagem das ocupações diferenciada do modelo propagado pela grande mídia, focado na ocupação como algo negativo, o artigo irá analisar o documentário como uma ferramenta para propagar/dar voz/espço ao discurso das jovens mulheres, o qual em muitas situações é silenciado pelos meios de comunicação. Então, além de revelar aspectos consideráveis no que se refere à invisibilidade ou ao enquadramento negativo dos movimentos sociais na mídia, aponta também para a falta de visibilidade da participação das mulheres nesses movimentos e destaca a forma como foram tratadas nesse contexto.

As primeiras escolas a serem ocupadas foram a Escola Estadual Diadema, na Grande São Paulo, e a Fernão Dias Paes, em Pinheiros, na zona oeste paulistana. Foram entrevistadas, no total, 40 meninas, sendo que 33 aparecem no documentário. Elas relatam que a ideia da ocupação foi inspirada na cartilha "Como ocupar um colégio?" (2015), documento elaborado pela seção argentina da Frente de Estudantes Libertários. O texto tinha como meta descrever e registrar a experiência argentina de luta, que foi inspirada, por sua vez, na luta dos secundaristas chilenos.

A cartilha começa relatando a "Revolta dos Pinguins", que ocorreu no Chile em várias etapas, com duas grandes mobilizações entre 2006 e 2011. O manual "Como ocupar um colégio?" (2015) traz sugestões de como organizar assembleias, algo que vai se tornar comum no interior das ocupações. Os estudantes aderiram à ideia, pondo em discussão coletiva desde a organização mais "prática" do dia a dia, tais como as equipes de limpeza e "segurança", até decisões a respeito dos rumos da ocupação e da articulação externa com outras escolas.

Depois da decisão tomada coletivamente, os estudantes passam a ocupar suas escolas e, uma vez lá, passam a compartilhar suas experiências do cotidiano, principalmente pela internet. Foram organizadas aulas públicas, oficinas, atividades culturais, palestras, saraus, shows e até reformas nos prédios escolares.

Para desenvolver a proposta de pesquisa, contextualiza-se inicialmente a situação das mulheres em uma sociedade em que há pouco espaço para as vozes femininas, inclusive nos movimentos sociais e na política. Na sequência, destaca-se a atuação política das jovens mulheres na atualidade a partir da análise do documentário "Lute como uma menina". Por fim, apresentam-se reflexões sobre o engajamento das estudantes para superação das desigualdades no ambiente escolar.

O movimento das jovens mulheres

O movimento das ocupações foi palco para muitas discussões, reflexões e amadurecimento dos estudantes. As lutas deixaram de ser exclusivamente contra a reforma educacional imposta pelo governo e passaram abranger uma nova visão de educação que corresponda às necessidades dos alunos, para além do currículo formal. A vivência desses alunos e alunas, de forma autogestionada nos prédios escolares, trouxe também uma pauta importante, que foi a questão de gênero.

Para Scott (1995), gênero é uma percepção sobre as diferenças sexuais, hierarquizando essas diferenças dentro de uma maneira de pensar limitada e ambígua. A autora não nega que existem diferenças entre os corpos sexuados, mas destaca que importantes são as formas como se constroem significados

culturais para essas diferenças, dando sentido a elas e posicionando-as dentro de relações hierárquicas.

Ao reconhecer a complexidade e as divergências existentes por trás do uso do conceito de gênero, nos apropriamos dele aqui para destacar que o aparato de regras, padrões e comportamentos que definem a identidade do ser masculino e do ser feminino, bem como suas múltiplas variantes, é construído culturalmente e socialmente a partir da divisão binária entre os sexos. Assim, as relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres são resultado da construção de papéis sociais distintos a partir das diferenças sexuais.

O gênero, dessa maneira, seria um dispositivo cultural constituído historicamente a partir de regras, padrões e comportamentos que definem a identidade do ser masculino, do ser feminino, bem como suas múltiplas variantes estabelecidas pela divisão binária entre os sexos. Portanto, não é algo que está dado, mas é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino.

O protagonismo das meninas retratado no documentário e a narrativa delas em prol da igualdade entre os gêneros colocaram em destaque aspectos da desigualdade que estão no cotidiano do ambiente escolar. Ficou claro o destaque ou o protagonismo que as iniciativas feministas dessas jovens, organizadas em coletivos ou individualmente, alcançaram. É muito grande a adesão de jovens meninas tanto nas ruas, em protestos e marchas, quanto no ativismo virtual, demonstrando também a importância da internet para essa organização.

De acordo com Zanetti (2009), apenas muito recentemente a identidade de "jovem feminista" passou a ser requisitada dentro do movimento de

mulheres, embora ao longo de sua construção histórica fosse evidente a participação de mulheres jovens. Além disso, as práticas educativas do feminismo consideram a experiência das mulheres jovens como constitutivas da pluralidade e das especificidades inerentes ao movimento, ao mesmo passo que considera outras categorias de diferença, como raça e sexualidade, por exemplo.

A emergência desse grupo específico pode ser observada não apenas no interior dos movimentos feministas, mas também em algumas instâncias de interlocução com o Estado, e traz à tona para o debate de gênero a perspectiva intergeracional (SILVA, 2009).

É importante destacar que os estudos sobre a juventude como categoria analítica no Brasil e nos demais países da América Latina tiveram maior notoriedade a partir dos anos 1990, sendo que a própria definição de "juventude" passou por várias mudanças ao longo da história. No Brasil, nos mostra Zanetti (2011): "somente a partir de meados da década de 1990, jovens começam a ser vistos como sujeitos de direitos, com necessidades, potencialidades e demandas singulares".

A escola acaba sendo um lugar de reprodução das desigualdades de gênero. Na escola, são associados aos meninos e às meninas os papéis de gênero que tendem a reforçar desigualdades e hierarquias sociais relacionadas às noções de feminino e masculino. Em geral, a noção do feminino está ligada ao que é mais frágil e delicado, enquanto a noção de masculino refere a inteligência, força e liderança. Essa diferença de tratamento e expectativas em relação a ambos os gêneros vão delineando os "lugares" que serão ocupados por cada um na sociedade, desde a escola. Segundo Louro (1997, p. 85),

situações escolares nas quais é possível observar um questionamento dessa esquemática polarização talvez sejam muito mais frequentes do que *a priori* se supõe. [...] reconhece, é verdade, que a situação de escola muitas vezes favorece o agrupamento das crianças por gênero, mais do que ocorre nas amizades de vizinhança ou nos *playgrounds*, onde grupos mistos são frequentes.

Os meninos são mais encorajados às chamadas ciências exatas, como se fosse mais “natural” que eles tivessem alguma facilidade nessas áreas. Essa prática, muitas vezes implícita, mas compartilhada no imaginário comum do ambiente escolar, exclui as meninas de uma série de possibilidades de inserção no campo dessas ciências, por exemplo. O mesmo pode ser evidenciado nas práticas esportivas, onde preferencialmente os meninos são destinados a alguns esportes, como o futebol, e as meninas para outros que não se utilizem de força. Lins, Machado e Escoura (2016, p. 19) destacam que

O comportamento esperado na escola também é marcado por expectativas de gênero. Quando pensamos que “matemática é coisa de menino”, que “menina é mais caprichosa”, enfim, que certas coisas são próprias de meninas e outras de meninos estamos limitando as aprendizagens e as experiências de vida das crianças e adolescentes.

O documentário “Lute como uma menina” nos apresenta a atitude das meninas para virar esse jogo e mostrar que a escola, como espaço privilegiado de conhecimento, socialização e reflexão, pode ser também espaço pedagógico para o exercício do respeito, da diminuição das desigualdades e desconstrução das hierarquias de gênero.

Os depoimentos mostrados no documentário, bem como as imagens coletadas na organização interna das escolas e nos protestos realizados nas ruas de São Paulo, provam que o movimento colocou como questão intrínseca e pertinente a desconstrução dessa cultura. Esse espaço de discussão foi reivindicado e conquistado pelas alunas presentes nas ocupações das escolas

em São Paulo e posto em prática em diversas atividades desenvolvidas. Segundo o depoimento das meninas no documentário, a escola nunca propiciou nenhum debate desse tipo, ou nunca trouxe esse tema para discussão tanto em sala de aula como em outros espaços possíveis. A narrativa delas evidencia que a escola limitou-se aos conteúdos formais e não abriu espaço para discussão dos papéis sociais de gênero como um conteúdo na formação dessas jovens. Lins, Machado e Escoura problematizam a função social da escola da seguinte forma:

Contudo, não é o papel da escola justamente problematizar mentalidades pré-construídas? Abrir diálogo para refletir sobre os estereótipos de gênero significa conversar francamente sobre como naturalizamos certos comportamentos que geram desigualdade e violência (2016, p. 65).

A escola como espaço de construção e confluência de saberes tem papel privilegiado na construção de novos paradigmas e comportamentos. É fundamental que desempenhe esse protagonismo na educação de crianças e jovens, com o intuito de construir uma sociedade mais igualitária e menos violenta – inclusive dispõe-se de dispositivos legais para isso.

De acordo com a “Cartilha Disposições Legislativas sobre Gênero na Educação – Guia Prático para Escolas e Educadoras/es”, publicada em 2015, os marcos legais que regem a educação brasileira são enfáticos quanto à necessidade da superação de desigualdades, discriminações e violências não só na escola, mas a partir da escola o que resulta em implicações diretas ao currículo. Não é aceitável ignorar tais temas para não cometer um desrespeito aos princípios que regem a educação brasileira, fundamentados na Constituição e leis específicas.

Mídia, gênero e política

As demandas feministas estão em constante transformação. São múltiplos os feminismos, dada a diversidade de recortes abraçados pelos movimentos de mulheres. Questões como sexualidade, raça, trabalho, classe social e violência são apenas alguns exemplos das pautas desses movimentos, que são caracterizados também pelo uso de tecnologias digitais e redes sociais como forma de mobilização, troca, disseminação de conhecimento, fortalecimento de coletivos.

Ao perceber o espaço ocupado pela mídia nas sociedades modernas, Thompson (2011) explica que o uso dos meios de comunicação implica a criação de novas formas de ação e de interação sociais, novos tipos de relações sociais e de maneiras de relacionamento dos indivíduos.

A atividade jornalística, apesar de requerer para si uma certa autonomia, é condicionada por diversos fatores próprios da natureza da profissão, como as pressões relacionadas ao tempo para fechamento de pautas e matérias, hierarquias das empresas jornalísticas, competitividade, e os agentes sociais que de certa forma exercem pressão sobre os jornalistas (TRAQUINA, 2005).

Em um documentário, a construção do conteúdo e o enfoque da narrativa difere da lógica da produção jornalística, porque tende a ter um formato mais livre e uma proposta mais autoral, tendo em vista que é sempre uma escolha do diretor e da sua produção, não tendo um compromisso com alguns preceitos do jornalismo, como objetividade e imparcialidade. Pode-se escolher o formato e o tom da narrativa, além de poder expressar a sua visão de mundo, defendendo uma causa ou apresentando um ponto de vista.

A grande mídia, que acompanhou e noticiou as ocupações nas escolas, não deu destaque ao protagonismo das meninas nas ocupações. Esse foi o

impulso que motivou os dois cineastas a realizar o documentário e, posteriormente, a disponibilizá-lo em plataforma *online* de acesso público (YouTube). Eles foram movidos pelo desejo de registrar o movimento das ocupações de forma que a representação mais se aproximasse da visão das próprias protagonistas e de alguma forma contribuir para a divulgação dessa representatividade.

Os meios de comunicação de massa no Brasil, que estão nas mãos de poucas famílias, se empenham em defender determinados posicionamentos políticos em detrimento de outros, optando por direcionar mais tempo para o que lhe parece politicamente e economicamente interessante em detrimento de uma pluralidade de outras opiniões e fatos.

Em 1980, o Relatório de MacBride, que avaliou os problemas da comunicação no mundo e apresentou proposta para superá-los, já advertia que a concentração dos meios de comunicação é uma ameaça grave para a existência de uma imprensa livre e plural (UNESCO, 1983).

Os movimentos sociais têm sido historicamente ignorados pelos meios de comunicação, e, quando precisam ser mostrados, sob o pretexto da neutralidade ou imparcialidade, são criminalizados. No que se refere às mulheres, em termos gerais, a mídia presta escassa atenção para as questões que têm importância específica para elas, como o movimento feminista ou as contribuições feitas por mulheres em várias áreas da sociedade.

As mulheres têm sido ignoradas (noticiando-se de forma rasa ou superficial fatos que remetam a alguma visibilidade da mulher), criminalizadas (como no caso da repercussão negativa sobre movimentos feministas) ou ridicularizadas sobre pretextos humorísticos, inclusive sobre a sua condição em relação aos papéis de gênero a que são submetidas (MORENO, 2014).

Sob essa perspectiva, as meninas de escolas públicas e das periferias de grandes cidades não teriam espaço na mídia por dois aspectos: por serem mulheres e por serem militantes de movimentos sociais.

Os meios de comunicação atuam como dispositivos de seleção, invisibilizando atores e falas e chancelando ou legitimando outros. Exercem um papel importante na produção das representações de mundo que vivemos, embora não sejam os únicos a nos fornecer essas representações. A visibilidade nos meios são “fonte e índice de capital político” (BIROLI; MIGUEL, 2011).

Nesse aspecto, pode-se evidenciar o gênero documentário como um constructo cultural e midiático que se aproxima do jornalismo na sua forma de representação da realidade por apresentar um recorte da representação da imagem da mulher ou de qualquer outro assunto que seja seu tema. O que os diferencia de certo modo é que o documentário apresenta um acontecimento a partir do ponto de vista de um sujeito ou de sujeitos específicos, no caso os diretores ou idealizadores do filme, e não está necessariamente baseado em imparcialidade ou objetividade como o jornalismo. Para Nichols,

Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta (NICHOLS, 2005, p. 26).

O documentário nos induz a pensar sobre determinado assunto a partir da história contada pela voz dos personagens, atores sociais da história, sem intermediários. É uma narrativa que, mesmo pensada a partir de um roteiro cinematográfico, não tem interpretações de atores profissionais, e sim por pessoas dentro da sua realidade – no caso, as estudantes que vivenciavam o problema e que lutavam para reverter a situação imposta pelo governador. Mas



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 6, Outubro-Dezembro. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n6p417>

é importante lembrar que o documentário representa o mundo e não o reproduz, ou seja, é o olhar de alguém sobre uma realidade, o olhar das meninas dentro das ocupações e como atrizes políticas dessas ocupações.

Com a palavra: as meninas

Em novembro de 2016, um ano após a data que marcou o início do movimento de resistência e ocupações nas escolas estaduais de São Paulo, é lançado na plataforma *online* YouTube o documentário "Lute como uma menina", dirigido pelos cineastas independentes brasileiros Flávio Colombini e Beatriz Alonso, com a colaboração do cinegrafista Caio Castor. O documentário aborda as ocupações de escolas pelos alunos secundaristas. A história é contada pelo ponto de vista das mulheres jovens que participaram e lideraram o movimento. Segundo os idealizadores, a ideia de produzir o documentário surgiu quando perceberam que a grande mídia, em geral, não cobria as ocupações de forma profunda e pouco se sabia sobre as motivações dos secundaristas. A motivação surge através de uma identificação dos diretores com o movimento e da crítica em relação à atuação da mídia. Conforme descreve Beatriz Alonso, uma das diretoras em entrevista à Revista Cult (2016),

Quando eu ouvi o discurso deles, a identificação foi imediata. Eu vi como aquele projeto de reorganização iria precarizar ainda mais a educação pública e, em contrapartida, eu via a população paulista se voltar contra os secundaristas, pois não tinha acesso à informação certa. A voz dos estudantes não chegava até as pessoas. Então decidimos dar voz a eles, ou melhor: a elas.

Na medida em que representa o mundo, o documentário assume um ponto de vista sempre singular, já que se constitui conforme a visão do diretor. Neste documentário, de forma mais específica, ele ainda assume características

de filme independente, pois toda a produção foi financiada pelo casal de diretores. As gravações na escola Fernão Dias, em Pinheiros, só aconteceram depois de três dias de negociações, e a liderança das meninas logo chamou a atenção deles.

O filme tem 76 minutos e apresenta a experiência de suas organizações internas, o enfrentamento das autoridades e da violência policial, a luta pela autogestão, o amadurecimento político, intelectual e cultural vividos na ocupação. Foram entrevistadas mais de 40 secundaristas, porém somente 33 entraram no corte final. As filmagens aconteceram em 13 escolas ocupadas, e só ocorreram após três dias de negociações. As meninas tomaram a frente da luta, e a sua liderança chamou atenção dos diretores, que dedicaram o roteiro a elas para que assumissem seus papéis de protagonismo nessa história e pudessem mostrar para outras meninas que elas também são fortes e que devem exigir seu espaço na sociedade. Nas entrevistas, as adolescentes contam suas histórias de confronto com autoridades e repressão que sofreram por parte da Polícia Militar, além dos aspectos da autogestão das escolas. A produção traz a história de luta durante as ocupações sob a perspectiva das meninas que participaram do movimento.

No documentário, observa-se a utilização de linguagem livre, onde as meninas falam sem um entrevistador aparente. A narrativa das meninas é coloquial, em geral em espaços públicos, ou nas próprias escolas. O tema abordado foca nas suas vivências, percepções e reflexões sobre a atuação no movimento. As entrevistas são intercaladas e casadas com a exibição da imagem dos protestos.

As imagens situam os personagens numa determinada atividade social e agregam mais informações à narrativa, permitindo a identificação imediata do

“personagem” por meio de características como sexo, idade, classe social e atuação. Por meio delas, o telespectador se estabelece permitindo processos identitários. Esses processos devem ser analisados como

expressão de relações de poder geradoras de estratificação, hierarquização e localização, mas também, por vezes, de transgressão social. Tal perspectiva se opõe às análises pautadas exclusivamente na identificação de atributos e elementos que caracterizariam determinados grupos e expressariam suas identidades (como gênero, cor de pele, nacionalidade, tradições culturais, entre outros) (ENNES; MARCON, 2014).

Nas narrativas das meninas, é possível perceber a existência de conflitos que foram gerados por uma decisão hierárquica – o governador de São Paulo, sem abertura para o diálogo, decidiu modificar a estrutura das escolas – e também a estratificação, tendo em vista que são alunas da rede pública de ensino.

O documentário é um gênero de cinema que se aproxima muito da representação de realidade compartilhada por muitas pessoas. Diferente da ficção, onde os personagens são atores interpretando uma história a partir de um roteiro, no documentário as “pessoas” são atores sociais que estariam fazendo a mesma coisa se as câmeras não estivessem ali – o que não torna o documentário uma ação ingênua ou pura. Nenhum documentário é desprovido de ideologia: ele sempre intervém no que é representado, afirmando “qual é a natureza de um assunto, para conquistar consentimento ou influenciar opiniões” (NICHOLS, 2005, p. 30). Ele nunca será uma simples representação do mundo, desprovida de intenções.

No documentário, esse plano é orientado pelas características de um filme que apresenta uma visão de mundo específica. Ou seja, a escolha das fontes ou personagens e consequentemente das histórias narradas não foram

feitas de forma aleatória. Quando os diretores visitaram a ocupação da escola Fernão Dias, depararam-se com a liderança das meninas na organização do movimento. Foi uma escolha entrevistar as alunas e não os alunos para representar a voz das ocupações nessa obra.

Esse formato pressupõe uma parcialidade por parte do diretor: quem se dispõe a assistir a um documentário sabe que encontrará ali uma visão específica e orientada dos eventos. “Tudo que vemos e ouvimos representa não só o mundo histórico mas também como o documentarista deseja falar sobre aquele mundo” (NICHOLS, 2005, p. 45). O autor também divide o gênero em algumas categorias, de acordo com a abordagem adotada pelo diretor. O “Lute como uma menina” se enquadra no subgênero de documentário participativo.

Quando assistimos a documentários participativos, esperamos testemunhar o mundo histórico “da maneira pela qual ele é representado por alguém que nele se engaja ativamente, e não por alguém que observa discretamente, reconfigura poeticamente ou monta argumentativamente esse mundo” (NICHOLS, 2005, p. 154). No caso dos depoimentos das meninas, as estratégias de construção de um texto que relatasse as suas opiniões é construída de maneira arbitrária. Revela tanto o posicionamento da estudante quanto o enquadramento dado pelos diretores. A narrativa, assim, torna-se muito mais focada e direcionada para um enquadramento positivo das manifestações estudantis e do protagonismo feminino nesse contexto.

O documentário traz como primeira cena uma menina descrevendo a luta das meninas: “O que significa pra mim o ‘Lute como uma menina’? Mudança, porque a gente tá quebrando um tabu mesmo. A gente tá quebrando um tabu de que só os meninos são fortes”. Na sequência, uma segunda menina

diz: “as mulheres estão se empoderando, as mulheres estão se colocando no lugar que elas tinham que estar”.

Isso demonstra a finalidade do filme de mostrar um lado da história que a mídia não mostrou, do significado daquele movimento para a construção da identidade das jovens mulheres no movimento estudantil e no movimento feminista.

No entanto, há algumas contribuições interessantes que vão ao encontro dessa perspectiva. O documentário aborda a fala de 33 jovens alunas de escolas estaduais de São Paulo que sofreriam drásticas modificações no sistema e organização do ensino. Cada uma das meninas relatou a sua experiência com o movimento, algumas com apoio dos pais, que eram professores ou sindicalistas, outras à revelia da vontade deles. Algumas delas idealizaram a primeira ocupação como forma mais eficiente de protestar contra os desmandos do governo, já que as manifestações de rua não tinham tido peso suficiente para revogar a lei.

Essas estudantes representam a nova cara do feminismo em um tempo onde as mulheres estão se unindo com mais força com o intuito de combater a violência, a precarização nos postos de trabalho, garantir saúde, educação, livre orientação sexual, participação política e poder decisório.

El presente es, sin dudas, un *tiempo de chicas*. Tanto porque ellas han finalmente aparecido en la escena pública como protagonistas de imágenes, símbolos y narrativas culturalmente pregnantes, como porque su mayor visibilidad reclama con urgencia un análisis cuidadoso de la relación entre esta creciente centralidad y las condiciones más amplias en las que la distinción de género se articula desigualmente con los clivajes de la clase, la edad, la etnia y la generación, en sus vidas concretas (ELISAZALDE, 2015, p. 17).

A cultura política autogestionária e autônoma se revelou nesse cenário. Seguindo o manual “Como ocupar uma escola”, um grupo liderado por uma menina realiza a primeira ocupação e surpreende-se com a adesão dos demais colegas de escola. Impactante foi também o sentimento compartilhado entre elas de estar participando de um momento histórico, e ter a percepção de que foi um momento fundamental em sua própria trajetória de politização.

As alunas das escolas estaduais, muitas delas protagonistas das ocupações, narram no documentário as suas percepções sobre as desigualdades de gênero e buscaram formas de combatê-las. A percepção descrita pelo relato a seguir demonstra noção de “empoderamento” e força atribuído às mulheres na situação de embate com um homem (policial), por exemplo: “quando você vê uma mulher batendo de frente com um policial, todo mundo fica chocado, mas na verdade mostra a força que a gente sempre teve”.

A organização autogestada pelos estudantes nas ocupações também cumpriu a tarefa de desconstruir os estereótipos de gênero presentes também nesse espaço e evidenciados nos depoimentos:

“Na real, resistir é o que nós mulheres sabemos fazer de melhor. Por que nós temos que resistir todo dia”.

“Hoje a gente tem menino que faz comida, menina que fica na segurança, menino que limpa, menina que limpa, é tudo dividido. Não tem essa que só menina tem que ficar na limpeza e menino na segurança, não”.

“Eu lembro que, na primeira semana de ocupação, eu não lembro quem levantou a mão e disse, ‘ah, vamos fazer assim, na cozinha é só menina’. Aí eu: ‘Não! Não! Por quê? Aqui todas as comissões aqui vão ser estipuladas por gênero. Na cozinha não vai ficar duas meninas e nem dois meninos, vai ficar uma menina e um menino’”.

As narrativas destacadas apresentam uma subversão aos papéis tradicionalmente destinados às mulheres desde a infância. Na articulação política do espaço, meninas e meninos estiveram lado a lado, desempenhando as mesmas funções sem nenhuma divisão sexual de tarefa. Tratou-se de uma experiência prática da igualdade entre os gêneros mesmo sem nenhuma preparação didática ou de ensino que tratasse do tema – no relato das meninas no documentário, uma das críticas foi a ausência do debate sobre as questões de gênero na escola.

Durante o tempo em que estiveram na escola, no movimento de ocupação, as meninas puderam experimentar uma outra forma de relação entre homens e mulheres, onde as decisões eram tomadas de forma coletiva sem subalternização ou limitação da participação feminina.

Designar uma menina para fazer a segurança da escola é acreditar que ela tem as mesmas condições físicas de cuidar da escola que um menino teria, e o contrário também é verdadeiro. Responsabilizar os meninos pela tarefa de cozinhar ou limpar os banheiros só reforça que esse é um trabalho que pode ser desenvolvido por todos, homens e mulheres, e que nenhuma das habilidades necessárias para realizá-lo é prerrogativa exclusivamente feminina.

O feminismo também ocupou um espaço de destaque na narrativa das meninas, demonstrando que trata-se de uma prática política necessária para a garantia dos direitos das mulheres na sociedade:

“O feminismo para mim é liberdade, ser feminista é você poder fazer o que quiser com o seu corpo, com a sua vida e dane-se o que os outros vão pensar”.

“O feminismo é igualdade entre os sexos, igualdade no geral, em qualquer tipo de coisa, desde o trabalho até as obrigações domésticas”.

“O feminismo é quando as mulheres têm os mesmos direitos dos homens”.

“O feminismo é um meio de empoderar todas as pessoas que estão numa situação de opressão”.

“O feminismo luta para você poder fazer o seu próprio padrão”.

Embora cotidianamente a grande mídia não dê uma cobertura diversificada e aprofundada sobre o feminismo, ele tem se popularizado e adentrado cada vez mais nos espaços das escolas como uma forma de resistência. As narrativas sobre o feminismo evidenciam a consciência delas sobre a importância de as mulheres terem garantidos espaços de fala e atuação, primeiro naquele espaço da escola, que era o seu ambiente de relações sociais mais próximo, mas conseqüentemente nos demais espaços da sociedade.

Considerações finais

O documentário nos mostrou não apenas uma representação da realidade, como se fosse uma cópia ou reprodução de algo. Muito mais do que isso, a obra nos colocou uma representação de mundo a partir da narrativa das jovens protagonistas das ocupações nas escolas.

As diversas histórias narradas pelas próprias garotas, desde pais proibindo que as filhas participassem das ocupações até uma diretora que teria levado traficantes para dentro da escola como forma de chamar a atenção da polícia e garantir a desocupação, o questionamento sobre a necessidade de participação das meninas e dos meninos de forma igualitária em todas as atividades enriquece a experiência vivida por elas.

O documentário retratou vários aspectos da organização política dos estudantes na luta pela educação; contudo, as questões de gênero alcançaram

certo destaque, tendo em vista o protagonismo das meninas na luta, o que desconstruiu a ideia de que a política não é para as mulheres.

É imperativo perceber a tomada de consciência dessas jovens diante de um problema que se apresentou. Em um primeiro momento, segundo seus próprios relatos, nem sabiam como fazer uma manifestação, mas sabiam que tinham que fazê-la. E, quando decidiram de forma impetuosa e ainda desorganizada ocupar a primeira escola, não tinham noção de tamanha proporção que esse movimento teria.

Mas esse protagonismo lhes deu a liberdade de enfrentar tanto as diferenças e conflitos que se apresentavam internamente quanto de defender o direito de lutarem por um espaço escolar democrático que lhes representasse de forma mais efetiva. Ocuparam o espaço público que lhes era de direito e dele fizeram um lugar de vivências e aprendizagens, exercendo as suas expressões culturais e ensinando para a sociedade que é possível subverter os papéis de gênero tão solidamente enraizados em desigualdades e hierarquias.

E a frase que tem um significado muito presente, em toda a narrativa, é: "Lutar como uma garota pra mim agora é sinônimo de força".

Referências

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. **Caleidoscópio convexo**: mulheres, política e mídia. São Paulo: Unesp, 2011.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

COMO ocupar um colégio? O Mal-Educado: Luta e organização nas escolas, 21 out. 2015. Disponível em: <https://gremiolivre.wordpress.com/2015/10/21/como-ocupar-um-colegio-versao-online/>. Acesso em: 12 fev. 2017.

ELAS no front. Revista Cult, 28 out. 2016. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2016/10/elas-no-front>. Acesso em: 13 fev. 2017.

ELIZALDE, Silvia. **Tiempo de chicas:** identidad, cultura y poder. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Grupo Editor Universitario, 2015.

ENNES, Marcelo Alario; MARCON, Frank. Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 16, n. 35, p. 274-230. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-. Acesso em: 12 fev. 2017.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Secretaria de Educação. **“Dia E”:** Escolas reúnem pais e responsáveis para esclarecimentos sobre a reorganização. São Paulo, 13 nov. 2015. Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/dia-e-escolas-reunem-pais-e-responsaveis-para-esclarecimentos-sobre-a-reorganizacao-escolar>. Acesso em: 18 jan. 2017.

JANUÁRIO, Adriano; CAMPOS, Antonia Malta; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Márcio Moretto. As ocupações de escolas em São Paulo (2015): autoritarismo burocrático, participação democrática e novas formas de luta social. **Revista Fevereiro**, n. 9, 2016. Disponível em: <http://www.revistafevereiro.com/pag.php?r=09&t=12>. Acesso em: 12 jan. 2017.

MORENO, Rachel. La mujer y los medios en Brasil. In: CHAHER, Sandra (Org.). **Políticas públicas de comunicación y genero en America latina:** un camino por recorrer. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Eudeba, 2014.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

NICHOLS, Bill. **Introdução do documentário**. Campinas: Papyrus, 2005.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9, jan. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917/11167>. Acesso em: 18 jan. 2017.

SCOTT, Joan W. Os usos e abusos do gênero. **Projeto História**, São Paulo, n. 45, p. 327-351, dez. 2012.

SINDICATO DOS PROFESSORES DO ENSINO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO (APEOESP). **Governo quer fragmentar a rede estadual e prejudicar professores e estudantes**. São Paulo, 25 set. 2015. Disponível em: <http://www.apeoesp.org.br/publicacoes/opinioao-a-peoesp/governo-quer-fragmentar-a-rede-estadual-e-prejudicar-professores-e-estudantes/>. Acesso em: 18 jan. 2017.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2011.

TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e histórias. 2. ed. Lisboa: Veja, 1999.

_____. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. v. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

UNESCO. **Um mundo e muitas vozes**: comunicação e informação na nossa época. Rio de Janeiro: FGV, 1983.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 6, Outubro-Dezembro. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v3n6p417>

ZANETTI, Julia Paiva. Jovens feministas do Rio de Janeiro: trajetórias, pautas e relações intergeracionais. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 36, p. 47-75, jun. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332011000100004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 fev. 2017.